

Tempo, Maputo, no.557, 14
de Junho de 1981, p.60-61

Kuxa-kanema: **Uma surpresa agradável**

Desde há cinco semanas que nos ecrãs dos cinemas do nosso país se tem apresentado com regularidade o documentário cinematográfico *Kuxa-Kanema*. Trata-se de uma conquista porque já tínhamos ligado o nome deste Órgão de Informação a algo de irregular, sem coerência técnica e sem conteúdo.

Ficámos pois surpreendidos com dois aspectos: que o Instituto Nacional de Cinema tenha capacidade de apresentar este jornal cinematográfico com a regularidade semanal e que, só agora se tenha conseguido criar condições para que os espectadores que têm acesso às salas de cinema possam ver aquilo que vão lendo nos jornais, ou ouvindo semanalmente na rádio sobre a vida política, diplomática e económica de Moçambique e, às vezes, do mundo.

O *Kuxa-Kanema*, que agora iniciou nova numeração (o n.º 5 já saiu), não apresenta grandes primores técnicos, nem constitui a última palavra do que se pode fazer em termos de documentários cinematográficos. Mas ao fim e ao cabo parece ter-se resolvido definitivamente o grande dilema: sair regularmente embora sem grande qualidade técnica, ou sair irregularmente com tentativas desesperadas e raramente conseguidas, de se «fazer acrobacia» com as câma-



ras de cinema em volta dos acontecimentos que têm lugar no nosso país.

Parece ter sido, sem dúvida, a primeira das alternativas a que foi escolhida. E, por isso, por esta «descoberta» que necessariamente teve de resultar de um processo de discussão longo entre fazer-se uma nova «Hollywood» em Maputo, ou fazer-se cinema com as capacidades que temos, está de parâmetros o novo Kuxa-Kanema.

Os documentários que temos visto não são, como já o referimos, nenhuma obra-prima da cinematografia. Nota-se que existem inúmeras falhas, muitas brechas, muitos pedaços de fita mal filmados. Nota-se que nem todos os acontecimentos são mostrados. Nota-se que se filma o que está mais à mão filmar. Mas definitivamente, existe um documentário por semana, existe qualquer coisa real e concreta sobre a qual nos podemos debruçar ao virar a esquina de cada semana e discutir, apontar defeitos, indicar o que é bom, sugerir o que fazer.

A capacidade de sair semanalmente um novo número do Kuxa-Kanema constitui pois uma «oferta» que muitos de nós já não acreditavam ser possível. Por um lado é o espectador que paga o seu bilhete para ver um filme e que é «atacado» pelo som que acompanha as muitas imagens de delegações que vêm, ou vão, das reuniões que vão tendo lugar, da música que se toca aqui e ali, dos problemas que nos afectam no nosso dia a dia.

Por outro, são as perspectivas que se abrem ao cinema móvel de deixar somente de mostrar os poucos filmes sobre o nascimento do nosso país, para os fazer acompanhar de coisas de hoje, coisas e problemas que assaltam a todos

moçambicanos a fim de criarmos ou aprofundarmos a ideia e dimensão do país, sabermos que os árabes também lutam, sabermos através do mapa que nos é mostrado que a Namíbia fica bem perto de nós.

Mas nem tudo está feito e estamos convencidos que a equipa que produz este órgão de informação, está consciente disso. Os números que nos têm sido apresentados pelo Kuxa-Kanema, são também reflexo do muito que ainda há a fazer a este nível, embora também estejamos conscientes do esforço e sacrifício que são exigidos para que todos os fins-de-semana possamos ver em imagens aquilo que se passou na semana que finda.

Essencialmente, ressalta a necessidade que existe, após a saída destes primeiros cinco números, de não se cair na limitação do documentário cinematográfico ao que é oficial, ao que está mais à mão de semear. Sabemos que as condições técnicas e humanas são muito limitadas, mas ao mesmo tempo e através das reportagens que o Kuxa-Kanema tem apresentado, têm-se dado indicações de que existe um importante potencial criativo que pode ser melhor explorado e utilizado.

Fundamentalmente este órgão de informação veio mostrar e provar que afinal temos gente que pode utilizar as câmaras de cinema para nos informar. Para quem foi obrigado a ver por três e quatro vezes alguns documentários produzidos há alguns anos, isto constitui uma surpresa muito agradável.

Alves Gomes

